

CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL A PARTIR DE UMA REVISÃO DE LITERATURA (2013-2023)

Lucas Andrade Ananias
Nara Vieira Ramos

Resumo

Este artigo traz como foco a educação não formal, entendida como modalidade educacional que possui especificidades como caráter participativo, emancipatório e dimensões sociopolíticas, apresentando-se em uma diversidade de contextos. A questão de pesquisa é: *Como os contextos de educação não formal têm sido abordados em artigos científicos publicados entre 2013 e 2023 em periódicos Qualis A1 disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES?*. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, na qual esta modalidade de educação é problematizada a partir de autores como Brandão (2007), Freire (1992, 2018), Gohn (2010, 2015, 2016), entre outros na discussão sobre as contribuições da educação não formal nos contextos estudados. Observa-se que os artigos concentraram suas discussões nas atividades propostas e conteúdos desenvolvidos nos contextos referenciados, os quais demonstram preocupação com a popularização de seus espaços institucionais. Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de aprofundar a discussão em pesquisas acadêmicas, bem como ampliar os repertórios investigativos, considerando a diversidade de contextos em que a educação não formal se realiza, além dos encontrados nesta revisão.

Palavras-chave: educação não formal; contextos; revisão de literatura.

CONTEXTS OF NON-FORMAL EDUCATION BASED ON A LITERATURE REVIEW (2013-2023)

Abstract

This article focuses on non-formal education, understood as an educational modality that has specific characteristics such as a participatory and emancipatory nature and sociopolitical dimensions, appearing in a variety of contexts. The research question is: *How have the contexts of non-formal education been addressed in scientific articles published between 2013 and 2023 in Qualis A1 journals available on the CAPES Journal Portal?* This is a bibliographic study through which this educational modality is examined based on authors such as Brandão (2007), Freire (1992, 2018), Gohn (2010, 2015, 2016), among others, in the discussion of the contributions of non-formal education in the studied contexts. The analyzed articles focused their discussions on the activities proposed and the content developed in the referenced contexts, emphasizing the popularization of their institutional spaces. The results of this research point to the need to deepen the theoretical discussion in academic studies and to broaden the investigative repertoires, considering the diversity of contexts in which non-formal education takes place, beyond those identified in this literature review.

Keywords: non-formal education; contexts; literature review.

CONTEXTOS DE LA EDUCACIÓN NO FORMAL A PARTIR DE UNA REVISIÓN DE LITERATURA (2013-2023)

Resumen

Este artículo tiene como foco la educación no formal, entendida como una modalidad educativa que posee especificidades como el carácter participativo, emancipador y dimensiones sociopolíticas, presentándose en

una diversidad de contextos. La pregunta de investigación es: *¿Cómo se han abordado los contextos de la educación no formal en los artículos científicos publicados entre 2013 y 2023 en revistas Qualis A1 disponibles en el Portal de Periódicos de CAPES?*. Se trata de una investigación de carácter bibliográfico, a partir de la cual esta modalidad educativa es problematizada desde autores como Brandão (2007), Freire (1992, 2018), Gohn (2010, 2015, 2016), entre otros, en la discusión sobre las contribuciones de la educación no formal en los contextos estudiados. Se observa que los artículos concentraron sus discusiones en las actividades propuestas y los contenidos desarrollados en los contextos referenciados, preocupándose por la popularización de sus espacios institucionales. Los resultados de esta investigación señalan la necesidad de profundizar la discusión teórica en los estudios académicos, así como de ampliar los repertorios investigativos, considerando la diversidad de contextos en los que se realiza la educación no formal, más allá de los encontrados en esta revisión de literatura.

Palabras clave: educación no formal; contextos; revisión de literatura.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura identificar e refletir sobre os contextos de educação não formal numa perspectiva freireana. Para tanto, traz como problema: *Como os contextos de educação não formal têm sido abordados em artigos científicos publicados entre 2013 e 2023 em periódicos Qualis A1 disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES?*. A relevância deste tema para o campo da educação refere-se à atualização dos debates sobre a educação não formal enquanto modalidade. Neste sentido, contribui ao ampliar o escopo de análise com base nas tendências e enfoques conceituais identificados na produção acadêmica.

Definiu-se como objetivo geral realizar uma revisão de literatura sobre a educação não formal a partir de artigos publicados em revistas Qualis A1 entre os anos de 2013 e 2023 disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES. Os objetivos específicos foram: a) identificar as estratégias de busca e seleção dos artigos no Portal de Periódicos da CAPES; b) apresentar alguns dos principais achados dos artigos encontrados nesta revisão de literatura; c) discutir a partir de uma perspectiva freireana estratégias para ampliar o diálogo em relação à educação não formal considerando seus contextos de acontecimentos, ou seja, espaços e intencionalidades utilizados na execução desta modalidade de educação.

Para esta revisão de literatura, foi consultada a base de dados Portal de Periódicos da CAPES no dia 16 de fevereiro de 2024 e consideradas as publicações entre os anos de 2013 e 2023. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico que, de acordo com Gil (2002, p. 44), desenvolve-se “[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Neste caso, os artigos científicos que estavam disponibilizados na base de dados virtual. Para a seleção, foi utilizado o descritor *educação não formal* entre aspas e os seguintes filtros: Disponibilidade: Periódicos revisados por pares; País: Brasil; Idioma: Português; Tipo de recurso: Artigo; Assunto: Educação não formal; Ano: 2013-2023. A tabela 1 ilustra os filtros utilizados na pesquisa.

Tabela 1: Filtros utilizados considerando o descritor “Educação não formal”

Disponibilidade	Periódicos revisados por pares
País	Brasil
Idioma	Português
Tipo de recurso	Artigo
Assunto	Educação não formal

Ano	2013-2023
-----	-----------

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Foram encontrados 58 artigos científicos, dos quais dois estavam repetidos. Por este motivo, foram contabilizados apenas uma vez, totalizando 56 artigos. A partir do levantamento destes 56 artigos identificados, observou-se que 42 artigos estavam publicados em revistas Qualis A (A1 = 23; A2 = 6; A3 = 6; A4 = 7), 11 artigos publicados em revistas Qualis B (B1 = 4; B2 = 1; B3 = 1; B4 = 5), um artigo publicado em revista Qualis C e dois artigos publicados em revistas cuja avaliação Qualis na área da Educação não constava no quadriênio 2017-2020 da Plataforma Sucupira. Definiu-se que seriam selecionados apenas os artigos publicados em revistas Qualis A1. Esta avaliação indica a estratificação mais elevada na qualidade de publicações científicas.

Considerando os parâmetros de pesquisa e os critérios adotados nos filtros, dos 23 artigos publicados em revistas Qualis A1, foram desconsiderados três artigos que, embora encontrados a partir dos parâmetros estabelecidos, foram publicados em ano ou idioma divergentes da pesquisa. A tabela 2 ilustra o procedimento de seleção dos artigos.

Tabela 2: Procedimento de seleção dos artigos

Qualis da revista	Número de artigos	Número de artigos por Qualis
Qualis A	42 artigos	Qualis A1 = 23 sendo 3 divergentes e 20 selecionados Qualis A2 = 6 Qualis A3 = 6 Qualis A4 = 7
Qualis B	11 artigos	Qualis B1 = 4 Qualis B2 = 1 Qualis B3 = 1 Qualis B4 = 5
Qualis C	1 artigo	Qualis C = 1
Sem Qualis	2 artigos	Sem Qualis = 2
Total	56 artigos	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Foi realizada a leitura dos títulos, resumos e capítulos referentes à introdução, metodologia e considerações finais de 20 artigos publicados em oito revistas científicas, de modo a identificar os contextos de educação não formal apresentados pelos autores. Na identificação da metodologia de pesquisa utilizada, foi possível um levantamento de dados que permitiu a diferenciação entre

estudos estritamente teóricos e estudos que, a partir de um determinado contexto, direcionavam a discussão para a modalidade da educação não formal.

De acordo com Gohn (2010), nas pesquisas na área de educação não formal predominam a divulgação de dados que subsidiam projetos e relatórios. Neste sentido, o levantamento de artigos realizados converge com a constatação da autora, indicando que o campo de investigação ainda se apresenta restrito a alguns contextos específicos, como o trabalho de popularização científica e em museus. A tabela 3 apresenta as revistas científicas Qualis A1 e identifica os artigos a partir de seus títulos, autoria e ano.

Tabela 3: Identificação dos artigos publicados entre 2013-2023 em revistas Qualis A1

Periódico (instituição responsável)	Autoria (Ano)	Título
Caderno Brasileiro de Ensino de Física (UFSC)	Coimbra-Araújo <i>et al.</i> , (2022)	A pesquisa em ensino de CTEM e sua interação com aspectos da educação não formal e espaços não formais
Caderno Brasileiro de Ensino de Física (UFSC)	Machado; Hartmann; Werlang (2020)	Oficinas de física em uma comunidade rural quilombola
Ciência & Educação (UNESP)	Pereira; Valle (2017)	O discurso museológico e suas tipologias em um Museu de História Natural
Ciência & Educação (UNESP)	Almeida; Martínez (2014)	As pesquisas sobre aprendizagem em museus: uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural
Educação e Pesquisa (USP)	Catini (2021)	Educação não formal: história e crítica de uma forma social
Educação e Pesquisa (USP)	Marques; Freitas (2017)	Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão de literatura
Educação e Pesquisa (USP)	Coelho; Breda; Brotto (2016)	Atividades em um Centro de Ciências: motivos estabelecidos por educadores, suas concepções e articulações com a escola
Educação em Revista (UFMG)	Santos; Cunha (2022)	Parque Temático, popularização e pesquisa amazônica: a proposta do Bosque da Ciência/INPA
Educação em Revista (UFMG)	Joaquim; Carmargo (2020)	Revisão bibliográfica: oficinas
Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências (UFMG)	Rejan; Andrade (2020)	A mediação educativa em uma atividade de educação não formal: uma análise sob a perspectiva de Salomon e Perkins (1998)

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (INEP)	Ovigli (2015)	Panorama das pesquisas brasileiras sobre educação em Museus de Ciências
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (INEP)	Severo (2015)	Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas
Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (UFMG)	Lima; Rocha (2021)	Interações discursivas entre educadores museais e estudantes: um estudo de caso em um museu de ciências a partir das contribuições de Bakhtin e do Círculo
Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (UFMG)	Roldi; Silva; Trazzi (2018)	Ação mediada e ensino por investigação: um estudo junto a alunos do Ensino Médio em um Museu de Ciências
Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (UFMG)	Rodrigues; Afonso (2015)	A natureza das interações verbais durante visitas de estudo à seção de ótica de um Museu de Ciência
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (UNESP)	Gonzalez; Ávila (2022)	Parceria entre os setores público e privado como política educacional: relato de algumas pesquisas
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (UNESP)	Razuck; Razuck (2022)	As atividades do estágio em Letras/Libras no Museu Nacional por meio da educação não formal em ciências: relato de experiência e busca da memória afetiva
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (UNESP)	Borges; Silva; Muller (2021)	Política da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Tupé, no Amazonas, e as educações no contexto amazônico
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (UNESP)	Ferreira; Santos (2019)	A educação não formal e sua interface com a pedagogia social: conceito, contexto e proposições da formação do sujeito cidadão
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (UNESP)	Kalinovski; França (2015)	A construção de narrativas históricas: conservação da memória na terceira idade

Fonte: Elaboração própria, 2024.

O panorama oferecido nesta revisão de literatura ilustrado pela tabela 1 mostra que apenas 8 revistas dentre as pesquisadas publicaram estudos com referência a esta modalidade de educação. Embora a educação não formal possa se desenvolver nos locais apresentados nas pesquisas, dentre eles museus, eventos científicos, projetos de extensão universitária e centros de convivências, seus contextos são diversos, de modo que seria possível uma ampliação da discussão do conceito da educação não formal.

A partir da leitura destes trabalhos, discute-se seção seguinte como os pesquisadores têm se debruçado na temática, considerando os seus contextos em uma perspectiva freireana, que situa o diálogo como eixo no desenvolvimento de práticas democráticas. A última seção deste artigo refere-se às considerações finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As diferentes modalidades de educação (informal, formal e não formal) estão marcadas por inter cruzamentos, dentre os quais se pode destacar características estruturais, graus de planejamento e duração de aprendizagem. Deste modo, nem sempre se faz possível especificar suas fronteiras (Marques, Freitas, 2017).

Considerando a educação não formal, modalidade educacional que ultrapassa o espaço escolar e que possui especificidades como caráter participativo, emancipatório e dimensões sociopolíticas, estas e outras características se apresentam em uma diversidade de contextos, o que enriquece a discussão sobre este campo e amplia as perspectivas para a pesquisa acadêmica. É a partir da diversidade de contextos encontrados nos artigos catalogados nesta revisão de literatura que a presente discussão se debruça, de modo a identificá-los como espaços de educação não formal distintos do sistema oficial de ensino. Toma-se Brandão (2007) como referência, visto que o autor compreende que a educação ocorre a todo momento na vida das pessoas e em uma diversidade de espaços e contextos.

Gohn (2015) defende que a educação não formal seja vista como modalidade e não como coadjuvante. Como modalidade, ela pode constituir-se como principal referência para alcançar os objetivos de aprendizagem propostos ou articular saberes curriculares, muitas vezes a partir de ações no entorno de uma instituição oficial de ensino.

Esta pesquisa apresenta publicações que trabalham com a educação não formal a partir de um caráter bibliográfico (Catini, 2021; Gonzalez, Ávila, 2022; Marques, Freitas, 2017; Severo 2015) enquanto outras a referenciam a partir da popularização científica (Borges, Silva, Muller, 2021; Coimbra-Araújo *et al.*, 2020; Machado, Hartmann e Werlang, 2022; Rodrigues, Afonso, 2015; Roldi, Silva, Trazzi, 2018; Ovigli, 2015; Santos, Cunha, 2022), de uma inter-relação entre aprendizagem escolar e o trabalho em museus (Almeida, Martínez, 2014; Pereira, Valle, 2017), de contextos diversos (Ferreira, Santos, 2019; Joaquim, Camargo, 2020; Kalinovski, França, 2015; Rejan, Andrade, 2020), da importância de educadores e monitores considerando esta modalidade (Coelho, Breda, Brotto, 2016; Lima, Rocha, 2021) e de aspectos relacionados à inclusão (Razuck, Razuck, 2022).

Refletindo sobre os artigos que abordaram a educação não formal de modo bibliográfico, tem-se as publicações de Catini (2021), Severo (2015) e Marques e Freitas (2017) como referência. A reflexão que emerge destes trabalhos potencializa a discussão teórica sobre a conceitualização da educação não formal.

Catini (2021) parte de uma pesquisa bibliográfica e documental para interpretar criticamente a história desta modalidade no Brasil. De acordo com a autora, a sua forma hegemônica decorre

de uma fissura no desenvolvimento de diversas práticas de educação voltadas para classes populares, embora não seja intenção da educação não formal restringir seu público de acordo com a questão socioeconômica. Se considerada como uma educação de menor qualidade ou destinada a um público economicamente vulnerável, haverá uma manutenção das práticas que levam à exclusão de determinados grupos. Para romper com este entendimento, recorre-se a Brandão (2007, p. 79) quando o autor refere que “[...] as leis quase sempre são escritas por quem pensa que nem elas nem o mundo vão mudar um dia”. Por este motivo, a educação não formal pode se constituir como uma resposta a ideologias, valores e estruturas de poder dominantes.

As práticas educativas são atravessadas por fatores sociais, políticos e econômicos. Estes fatores afetam as diferentes modalidades de educação, visto que tais práticas possuem caráteres ideológicos em suas propostas. Gonzalez e Ávila (2022) discutem a partir de um levantamento de dissertações e teses o cenário político brasileiro considerando articulações de ações educativas e parcerias do Terceiro Setor e do Estado. Nesta equação, há interesses empresariais em um contexto neoliberal que não podem ser desconsiderados. Quando desenvolvida por determinados setores, uma formação crítico-reflexiva pode não se constituir como sua demanda prioritária, mesmo que a educação não formal tenha como proposta trabalhar com a formação de uma cultura cidadã, emancipação e humanização (Gohn, 2016).

A educação não formal tem sido, em certos contextos, apropriada para finalidades que se distanciam de uma formação comprometida com a transformação social. Assim, seja quando busca responder a demandas que ultrapassam o espaço escolar e partem do próprio público ao qual se destinam suas ações, seja quando orientada para o desenvolvimento de projetos com determinado viés ideológico, evidencia-se uma possibilidade de reflexão crítica em relação às formas pelas quais esta modalidade pode ser instrumentalizada. Neste sentido, sair do modelo hegemônico é um desafio diante da complexidade de um sistema de ensino que reproduz determinadas práticas educativas, as quais apenas quando democráticas possibilitam impactos efetivos na vida das pessoas a partir dos saberes que são construídos nas relações. A perspectiva freireana que sustenta esta discussão traz o diálogo como eixo a partir do qual se manifesta o reconhecimento das diferenças culturais, compreendendo-as como riqueza humana, considerando-o como fenômeno humano a partir do qual se estabelecem relações que levam ao desenvolvimento de práticas democráticas. O diálogo carrega em si mesmo a própria historicização da existência humana, fazendo com que um indivíduo reconheça o outro e ambos se reconheçam (Freire, 2018).

Retomando os contextos da educação não formal, verifica-se nos artigos catalogados um destaque em relação aos contextos de popularização científica. O artigo de Ovigli (2015), ao situar a educação em museus de ciência como um subcampo da educação não formal. No contexto de ensino de ciências, partindo de um sentido de complementação de conteúdos do currículo tradicional, o artigo de Coimbra-Araújo *et al.* (2020) abordou a educação não formal realizada em espaços de museus e de eventos científicos a partir do contexto das ciências exatas, embora a ciência seja feita em todas as áreas do conhecimento humano. Os autores também referem a importância da divulgação científica em meios sociais fragilizados por meio da mediação e interatividade possíveis em tais ambientes.

A popularização científica também pode acontecer em espaços abertos, como parques temáticos (Santos, Cunha, 2022) ou reserva natural (Borges, Silva, Muller, 2021). Nestes contextos, a educação não formal emergiu como apoio a atividades escolares em uma visão de ensino complementar à educação formal. No entanto, a educação não formal “[...] ultrapassa os processos de escolarização, tem a ver com o comportamento dos indivíduos em diferentes espaços da vida.” (Gohn, 2016, p. 71). Ela diversifica e amplifica as possibilidades de acesso ao conhecimento,

embora uma compreensão de que a modalidade complementa o currículo tradicional ainda se faça presente.

Dois artigos exploraram o desenvolvimento de atividades com alunos visitantes junto a museu de ciências (Rodrigues, Afonso, 2015; Roldi, Silva, Trazzi, 2018). Esta discussão é aprofundada por Machado, Hartmann e Werlang (2022), que trabalham na perspectiva da popularização da ciência a partir de oficinas realizadas com moradores de uma comunidade rural quilombola. Quando os indivíduos são reconhecidos, contribui-se para o rompimento de um modelo formativo baseado na educação bancária que não desenvolve consciência crítica nem se interessa pela promoção de práticas democráticas. Na luta pela superação deste modelo de educação, recorre-se à abordagem do diálogo em uma educação problematizadora e libertadora (Freire, 2018). Assim, aspectos como a consciência da diversidade e o comprometimento com as transformações abrem uma discussão sobre a opressão, que tem na educação bancária seu instrumento de manutenção.

O opressor não diz respeito a uma pessoa, mas sim a uma conjuntura que procura manter sua condição a partir de um poder que exerce sobre aquele que é oprimido, cujo comportamento se faz à base de pautas opressoras. Quando consciente de seu lugar, a opressão não é empática, mas sim egoísta e se camufla em uma falsa generosidade. Diante de uma ação opressora, que é desumanizada e desumanizante, o oprimido encontra-se imerso nesta engrenagem e teme a liberdade se não a assumir, permanecendo em um estado de exploração enquanto desconhece a possibilidade de liberdade para além dos muros da opressão (Freire, 2018).

Depreende-se que o opressor se situa na complexidade de um sistema que coloca algo ou alguém no lugar de suposto saber. Neste lugar reside a concepção de educação bancária, legitimada pelo não reconhecimento dos conhecimentos dos outros, de modo que interessa sadicamente ao opressor a permanência do oprimido em seu estado de oprimido. Para superar esta lógica, não se trata de definir, de aceitar ou de convencê-lo sobre sua condição, mas de conscientizá-lo continuamente na perspectiva de transformação, o que conflita com o referido modelo de educação bancária, no qual o educador sabe algo sobre um determinado objeto, alvo do conhecimento, e parte deste algo com o objetivo de alcançar um ponto de chegada. Quem invade o espaço sociocultural do outro pensa sobre eles e não com eles, o que significa atuar em um nível de superioridade e julgamento em relação à cultura do outro (Freire, 1992). Por isso a necessidade de discutir o que significa a popularização científica que alguns artigos propõem: trata-se de levar a um determinado público um conhecimento previamente escolhido ou construir um conhecimento a partir dos interesses do público com quem se trabalha?

Partindo de uma perspectiva dialógica, o enfrentamento de práticas autoritárias se dá quando educador e educando dialogam e percebem em conjunto o objeto do conhecimento, levando a uma horizontalização de seus papéis no processo educativo. Os contextos de museus na educação não formal exemplificam esta questão. São contextos facilmente identificados a partir de uma breve pesquisa em repositórios digitais sobre o que já se tem produzido nesta área.

A inter-relação entre a aprendizagem escolar e os museus podem ser resgatados em trabalhos como os desenvolvidos por Almeida e Martínez (2014) e Pereira e Valle (2017). No viés desta inter-relação pode-se construir uma perspectiva de educação problematizadora, que leva ao desenvolvimento da consciência crítica do indivíduo no mundo. Sem esta inter-relação, o educador correria o risco de replicar o modelo de educação bancária, que em si mesma retroalimenta a opressão, e correria o risco de servir à manutenção da dualidade opressor-oprimido.

A pesquisa de Almeida e Martínez (2014) realiza uma revisão da produção científica na área e discussão de pesquisas relacionadas aos temas da identidade, da aprendizagem em museus e na

questão da relação museu-escola, cujas características remetem à ludicidade, multisensorialidade, emocionalidade, entre outros fatores que caracterizam a aprendizagem desenvolvida nesses espaços. O artigo recorreu a repositórios nacionais e internacionais para realizar o levantamento e a sistematização de dissertações, teses, artigos e livros, caracterizando o trabalho como uma pesquisa bibliográfica. Em busca por subsídios teóricos sobre a educação não formal, Marques e Freitas (2017) também realizaram uma revisão de literatura.

Por outro lado, há pesquisas como o artigo de Pereira e Valle (2017), que realizou o levantamento do perfil e entrevistas com visitantes, somados a um trabalho de análise de textos expositivos nos museus onde o estudo foi realizado, partindo do princípio de que a utilização de textos mais reflexivos facilitaria a construção de significados pelo próprio visitante. O interesse do artigo está na relação do discurso museológico e as possibilidades de operacionalização do espaço. É o modo como se dá o acesso ao conhecimento e a relação do indivíduo com esse conhecimento que se apresenta como uma das principais preocupações no desenvolvimento deste trabalho.

Na reflexão sobre o público a que se destinam as ações da educação não formal, torna-se necessário refletir sobre os contextos diversificados nos quais são propostas formações “[...] para a aquisição de saberes e a construção de práticas assinaladas por demandas de aprendizagens para o ócio, para o trabalho, para a participação social etc.” (Severo, 2015, p. 570), com a valorização dos saberes múltiplos e das experiências das pessoas. Quando ancorada em um diálogo responsável, a aprendizagem apresenta direcionamento, determinação, disciplina e objetivos sem que estas características remetam a qualquer espécie de autoritarismo. O diálogo conduz a uma conscientização sobre a realidade, de modo que sair da condição de oprimido implica se desvencilhar das sutis armadilhas do opressor. O caminho para que as minorias oprimidas se reconheçam como maioria reside no trabalho não apenas com as diferenças, mas também com as semelhanças, de modo a criar uma unidade na diversidade, fora da qual não se constrói ou aperfeiçoa uma democracia substantiva (Freire, 1992).

Sendo a subjetividade dos indivíduos considerada como o ponto de partida na relação educador-educando, a educação atua na vida e repercute, conforme traz Brandão (2007), nas trocas interpessoais, relações físicas e simbolicamente afetivas entre as pessoas no sentido de desenvolver os valores culturais de uma sociedade. Embora as abordagens de Almeida e Martínez (2014) e Pereira e Valle (2017) sejam distintas, seus artigos se preocupam em estabelecer um recorte de contextos da educação não formal, remetendo ao campo de abrangência e à metodologia de aplicação discutidos por Gohn (2016). Neste caso, são os museus que se constituem como o campo de abrangência.

A relação do público com os conteúdos desenvolvidos nestes espaços leva a algumas indagações: o que se faz com o conhecimento adquirido em espaços de educação não formal? De que maneira este conhecimento impacta na vida das pessoas? De que modo a participação das pessoas nestes espaços repercute e contribui para a elaboração do pensamento crítico-reflexivo? Estas indagações indicam lacunas não preenchidas pelas publicações científicas referenciadas e dão margem para novos estudos na área. Afinal, a educação não formal pode contribuir em uma dimensão de aprendizagem política de direitos, possibilitando uma leitura de mundo que considere as relações sociais e trocas de saberes que não têm, obrigatoriamente, a intencionalidade do ensino praticado pelos espaços formais. Trata-se de um viés político que pode ser cultivado nas diferentes esferas educacionais, dentre eles, contextos diversos como oficinas (Joaquim, Camargo, 2020), grupos de convivência (Kalinovski, França, 2015) e projetos de extensão (Rejan, Andrade, 2020), de modo a atingir a comunidade de diferentes formas e contribuir na participação das pessoas na vida social, cultural e política.

No trabalho realizado por Ferreira e Santos (2019), por exemplo, estas questões são aprofundadas. Os autores propõem por via da educação não formal em um espaço cultural a formação de um sujeito cidadão considerando aspectos de socialização, emancipação, autonomia, criticidade, trocas de experiências entre os sujeitos, desejos e anseios da comunidade com a qual se trabalha partindo da realidade em direção a uma transformação. Estes objetivos são atingidos a partir de uma educação que, embora não formal, tem estrutura, identidade e especificidades. Seu grau de formalização está relacionado ao ensino e à aprendizagem, aos planejamentos, à organização, à metodologia, entre outros aspectos presentes no processo educativo. Mesmo não sendo realizada no sistema oficial de ensino, depende de estratégias didáticas como o educador que trabalha neste contexto.

Ao realizar um estudo qualitativo a partir de quinze entrevistas semiestruturadas com educadores de um centro de ciências, Coelho, Breda e Brotto (2016) discutem a possibilidade de vinculação da teoria do contexto escolar com situações práticas de experimentação partindo da exploração do caráter lúdico e interdisciplinar. Mais uma vez, tem-se a educação não formal como complementar à educação formal. Os autores destacam a necessidade de formação inicial e continuada para que os educadores repensem as potencialidades destes espaços e possíveis articulações a serem desenvolvidas a partir das visitas.

Aspectos da mediação de monitores foram abordados por Rejan e Andrade (2020), que a partir de uma pesquisa qualitativa compreendeu que a percepção dos mediadores não converge com a ideia de mediação. A figura de um mediador se faz necessária para o desenvolvimento de um processo crítico-reflexivo na educação não formal. Uma das constatações de artigos como os de Lima e Rocha (2021) e Roldi, Silva e Trazzi (2018) é a importância de formação específica para os profissionais que atuam nesta modalidade. Os autores defendem que estudos na área abordem a necessidade de formação inicial e continuada a estes profissionais. De acordo com Gohn (2010), a figura do educador social é responsável por dinamizar e contribuir na construção dos processos participativos. Quando estabelecidas escutas qualificadas que levem a diálogos tematizados como condutor da formação, atribui-se ao diálogo sua função de eixo em uma educação libertadora e na problematização. Na medida em que conhece os conteúdos sem ser depositário deles, o educando torna-se efetivamente educando (Freire, 1992).

Um educador progressista faz do processo educativo um momento de construção do conhecimento em conjunto, reconhecendo o outro e respeitando o tempo do outro. No entanto, há uma falta de formação específica, de modo a definir os papéis e modos de operacionalização de atividades considerando as diferentes realidades sociais e públicos-alvo das ações.

A educação não formal pode ainda ser vista como articuladora na divulgação de conhecimentos escolares para a comunidade em torno da escola (Gohn, 2015), mas quando se observa a proposta de levar determinado conhecimento a determinado público pela via do discurso da inclusão, cabe questionar sobre qual inclusão se está falando. Coimbra-Araújo *et al.* (2020) citam a divulgação científica a partir da educação não formal em meios sociais fragilizados como uma possibilidade de inclusão social. O artigo de Razuck e Razuck (2022) também traz a relação entre educação não formal, ciências e inclusão. Conhecer as nuances da inclusão e como praticá-la pelo viés da educação em espaços não formais contribuem para que se reflita sobre o que seria inclusão, pautada em um diálogo genuíno na diversidade. Afinal, considerando determinado conhecimento prévio como ponto de partida para elaborar uma estratégia dialógica no âmbito educativo, esta parece ser mais efetiva quando se busca a inclusão como prática democrática.

A depender da mediação proposta pelo educador, será possível efetivar uma abordagem de inclusão. Neste movimento, a reflexão-ação de se reconhecer como educador e agente da própria

história na luta contra injustiças sociais possibilita ao oprimido uma leitura de mundo que leva a uma prática compromissada com a transformação e desenvolvida com base em uma relação de respeito à dignidade e à autonomia. Deste modo, a construção do conhecimento apresenta-se alicerçada em uma relação dialógica na qual a aprendizagem não é exclusiva do educando, visto que se manifesta em um diálogo entre quem ensina e quem aprende. Os educadores que se questionam sobre os espaços e situações utilizados pelos educandos para dialogar com o mundo, a partir dos quais ampliam sua compreensão de si e da sociedade na definição dos projetos de vida, seriam capazes de repensar o modelo formativo sustentado na educação bancária, reparar injustiças históricas e fomentar uma participação democrática através de uma educação que se inicia como problematizadora para se tornar libertadora.

Se o educador realiza uma prática conteudista, a visão bancária garante a manutenção e reprodução do *status quo*. Se o educador assume uma conduta progressista, este educador realiza um diálogo intersubjetivo que compreende as relações que se estabelecem no processo educativo e sua repercussão no contexto de vida de todos aqueles que são afetados pela aquisição do conhecimento. Compreender a postura do educador e suas intencionalidades torna-se essencial para analisar as práticas presentes nos estudos sobre educação não formal, uma vez que é justamente na relação entre conteúdo, diálogo e transformação que se revela o caráter formativo dessas experiências. Ao examinar os artigos catalogados, entretanto, percebe-se que uma discussão de viés político, democrático e participativo não recebe o devido destaque. O que se tem é um trabalho com educação não formal desenvolvido em contextos restritos e espaços específicos, os quais poderiam ser ampliados.

Os artigos catalogados concentraram suas discussões nas atividades propostas e conteúdos desenvolvidos em diferentes contextos, com descrição de ações realizadas. No entanto, carecem de maior atenção à reflexão teórica sobre fundamentos e sentidos formativos que sustentam práticas de educação não formal. Analisar o tema à luz de uma perspectiva freireana contribui para reposicionar a importância do papel de educadores e monitores em relação às intencionalidades desta modalidade de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pesquisadores com interesse na modalidade da educação não formal, consideramos que a elaboração deste artigo contribui para que novos olhares sejam lançados à temática a qual nos debruçamos, de modo que outros pesquisadores possam refletir sobre algumas das dimensões sociopolíticas que constituem a educação não formal.

Esta pesquisa revela que são restritos os contextos de educação não formal apresentados em artigos científicos publicados em revistas Qualis A1 entre 2013 e 2023. Trabalhos em museus e museus de ciências destacam-se nos artigos apresentados e exemplificam esta questão, de modo que a pesquisa sobre a educação não formal pode ser ampliada para outros campos e abordagens que a reconheçam e evidenciem como modalidade de educação.

Verificou-se uma menor discussão em relação ao caráter democrático, participativo e emancipatório, entre outras especificidades da educação não formal. Há maior ênfase nos trabalhos na popularização dos espaços e contextos, atividades propostas e conteúdos desenvolvidos. Neste sentido, uma discussão sobre o potencial da educação não formal de enriquecer a aprendizagem política dos direitos e permitir uma interpretação do mundo que leve em conta as interações sociais e a troca de conhecimentos apresenta-se em segundo plano nos estudos catalogados.

A identificação e apresentação dos artigos desta revisão de literatura aponta para outras lacunas, dentre eles a importância de formação inicial e continuada para os educadores sociais e mediadores, quais critérios elencados pelas instituições para a execução das atividades, a definição do público e os impactos e repercussões da participação na vida das pessoas a partir das atividades propostas e desenvolvidas nestes espaços. Observa-se ainda a necessidade de atribuir na discussão um caráter de protagonismo à educação não formal como modalidade de educação, visto que há contextos que a capturam sem desenvolvê-la como ação de uma educação popular cujo trabalho político-pedagógico orienta-se em um caráter participativo e emancipatório.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Pilar; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. As pesquisas sobre aprendizagem em museus: uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 20, n. 3, p. 721-737, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000300013>. Acesso em 21 out. 2025.
- BORGES, Heloísa da Silva; SILVA, Carlos Augusto; MULLER, Riulma Ventura. Política da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Tupé, no Amazonas, e as educações no contexto amazônico. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. esp. 2, p. 1253-1266, 2021. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15124/10998>. Acesso em 21 out. 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CATINI, Carolina. Educação não formal: história e crítica de uma forma social. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e222980, p. 1-20, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147222980>. Acesso em 21 out. 2025.
- COELHO, Geide Rosa; BREDÁ, Vitor de Carvalho; BROTTTO, Thales Renan de Aguiar. Atividades em um centro de ciências: motivos estabelecidos por educadores, suas concepções e articulações com a escola. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 2 p. 525-538, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201606142837>. Acesso em 21 out. 2025.
- COIMBRA-ARAÚJO, Carlos Henrique *et al.* A pesquisa em ensino de CTEM e sua interação com aspectos da educação não formal e espaços não formais. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 315-331, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n1p315>. Acesso em 21 out. 2025.
- FERREIRA, Daniella Caroline Rodrigues Ribeiro; SANTOS, Adriana Regina de Jesus. A educação não formal e sua interface com a pedagogia social: conceito, contexto e proposições da formação do sujeito cidadão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2275-2286, 2019. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11975>. Acesso em 21 out. 2025.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Introdução - Cenário geral: educação não formal - o que é e como se localiza no campo da cultura. In: GOHN, Maria da Glória Marcondes. (org.). *Educação não formal no campo das artes*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 15-27.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação não formal nas instituições sociais. *Revista Pedagógica*. Chapecó, v. 18. n. 39, p. 59-75. 2016. Disponível em <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>. Acesso em 21 out. 2025.

GONZALEZ, Wania Regina Coutinho; ÁVILA, Elaine Rodrigues. Parceria entre os setores público e privado como política educacional: relato de algumas pesquisas. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 3039-3055, 2022. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16690>. Acesso em 21 out. 2025.

JOAQUIM, Felipe Ferreira; CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. Revisão bibliográfica: oficinas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, e218538, p. 1-22, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/J5G58pGL7dHCzHF36S94mZs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 out. 2025.

KALINOVSKI, Érica Fernanda Zavadovski; FRANÇA, Fabiane Freire. A construção de narrativas históricas: conservação da memória na terceira idade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 10, n. 3, p. 1066-1082, 2015. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8107>. Acesso em 21 out. 2025.

LIMA, Guilherme da Silva; ROCHA, Jessica Norberto. Interações discursivas entre educadores museais e estudantes: um estudo de caso em um museu de ciências a partir das contribuições de Bakhtin e do Círculo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 21, e21788, p. 1-33, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2021u3163>. Acesso em 21 out. 2025.

MACHADO, Fernando Oliveira; HARTMANN, Angela Maria; WERLANG, Rafael Brum. Oficinas de física em uma comunidade rural quilombola. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 712-742, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2022.e85939>. Acesso em 21 out. 2025.

MARQUES, Joana Brás Varanda; FREITAS, Denise. Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão de literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1087-1110, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201701151678>. Acesso em 21 out. 2025.

OVIGLI, Daniel Bovolenta. Panorama das pesquisas brasileiras sobre educação em museus de ciências. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 96, n. 244, p. 577-595, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/33891329>. Acesso em 21 out. 2025.

PEREIRA, Beatriz de Oliveira; VALLE, Mariana Guelero. O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 835-849, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1516-731320170040004>. Acesso em 21 out. 2025.

RAZUCK, Renata Cardoso de Sá Ribeiro; RAZUCK, Fernando Barcellos. As atividades do estágio em letras/libras no Museu Nacional por meio da educação não formal em ciências: relato de experiência e busca da memória afetiva. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 3, p. 1677-1694, 2022. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15942>. Acesso em 21 out. 2025.

REJAN, Daniela Cristina Lopes; ANDRADE, Mariana Aparecida Bologna Soares. A mediação educativa em uma atividade de educação não formal: uma análise sob a perspectiva de Salomon e Perkins (1998). *Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 22, e16385, p. 1-20, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/21172020210123>. Acesso em 21 out. 2025.

RODRIGUES, Francisco Manuel Estanislau de Azevedo; AFONSO, Ana Sofia Cavadas. A natureza das interações verbais durante visitas de estudo à seção de ótica de um museu de ciência. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1, 173-194, 2015. Disponível em <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/2c30bf77-fad7-4d43-abdd-a6d14e5ecf75/content>. Acesso em 21 out. 2025.

ROLDI, Maria Margareth Cancian; SILVA, Mirian do Amaral Jonis; TRAZZI, Patricia Silveira da Silva. Ação mediada e ensino por investigação: um estudo junto a alunos do Ensino Médio em um Museu de Ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 967-991, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2018183967>. Acesso em 21 out. 2025.

SANTOS, Saulo César Seiffert; CUNHA, Márcia Borin. Parque temático, popularização e pesquisa amazônica: a proposta do Bosque da Ciência/INPA. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, e29448, p. 1-24, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-469829448>. Acesso em 21 out. 2025.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>. Acesso em 21 out. 2025.

Submetido em julho de 2024
Aprovado em outubro de 2025

Informações das autoras

Lucas Andrade Ananias
Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: lucasandradeananias@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-7156-5859>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5471371308107128>

Nara Vieira Ramos
Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: naravieiraramos@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7595-0006>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3258515109652211>